

Nova posição dos EUA anima os latinos

6 OUT 1985

Do N. Y. Times

A decisão do governo Reagan de promover uma nova estratégia para lidar com a dívida latino-americana marca uma reviravolta na crise financeira da região, que dura três anos, disseram representantes de bancos estrangeiros e funcionários do governo brasileiro no Rio de Janeiro. Segundo eles, Washington agora aceita o argumento latino-americano de que políticas orientadas para o crescimento capacitariam a região para enfrentar os pesados compromissos com mais eficácia do que os programas de austeridade exigidos até agora pelo Fundo Monetário Internacional.

ESTADO DE SÃO PAULO

As fontes também comentaram que, na preparação da iniciativa que deverá ser anunciada em Seul na semana que vem, o governo Reagan endossou, pela primeira vez, o princípio de que os governos dos principais países ocidentais devem colaborar diretamente para aliviar a crise da dívida. "Este é o primeiro enfoque novo que vimos desde o começo da crise", disse um funcionário brasileiro. "É ainda muito cedo para saber se será suficientemente radical, mas isto marca uma significativa mudança no pensamento dos Estados Unidos", acrescentou.

Os funcionários disseram que perceberam uma mudança na políti-

ca norte-americana na semana passada, depois que o presidente José Sarney disse na Assembléia Geral das Nações Unidas que seu governo não aceitaria mais os programas de austeridade do FMI. Eles afirmaram que o secretário de Estado, George Shultz, cumprimentou Sarney pelo seu discurso e comunicou que os EUA também agora seriam favoráveis ao crescimento.

Entretanto, banqueiros norte-americanos acham que a reviravolta verdadeira deve ter ocorrido no dia 28 de julho, quando o secretário do Tesouro, James Baker, esteve em Lima para assistir à posse do novo presidente, Alan Garcia. Este declarou, na ocasião, que seu país limi-

Dívida externa

taria os pagamentos a 10% da renda com exportações.

Os banqueiros também disseram ter informação de que Baker mostrou-se mais impressionado pelos serenos argumentos em favor do crescimento que ouviu em encontros particulares com os presidentes Raul Alfonsin, da Argentina, e Julio María Sanguinetti, do Uruguai.

Acredita-se que a tragédia dos terremotos no México também tiveram um papel importante na decisão. Mas tanto este país como o Brasil já estavam enfrentando dificuldades na exportação para o mundo industrializado por causa do protecionismo, após um período de grande superávit.